

Baixa qualificação

De acordo com o coordenador do Observatório do Trabalho, da Secretaria Municipal do Trabalho de São Paulo, Juarez Mota, a baixa qualificação dos trabalhadores, há algumas décadas, pouco incomodava. “A baixa qualificação dos trabalhadores brasileiros tomou seus contornos a partir do período compreendido entre as décadas de 40 e 70, nas quais houve intenso movimento de urbanização e industrialização do país. Associado a este movimento optou-se por um modelo de substituição de importações que, por um lado, visava preservar a indústria nacional, mas que por outro impediu que estas se sujeitassem à concorrência internacional e buscassem mecanismos de gestão flexíveis, que foram implementados no Japão, na Europa e nos Estados Unidos ainda na década de 1.970. O modelo produtivo brasileiro ainda se baseava em processos rígidos, tarefas repetitivas e não exigia dos trabalhadores mais que simples treinamento básico. Deste modo, permitiu-se que pessoas com escolaridade muito baixa se inserissem no mercado de trabalho”, explica Mota. Este panorama agravou-se ainda mais, segundo ele, no momento em que a abertura comercial da década de 90 expôs as empresas à concorrência e exigiu que estas reagissem, adaptando-se a novos modelos de produção menos hierarquizados e que demandavam intervenção dos trabalhadores em múltiplas funções e capacidade de adaptação constante. “Neste momento ficou evidente o descompasso criado não apenas pela falta de especialização técnica, mas muito fortemente a defasagem na educação formal”, afirma o coordenador.

A gerente de Recrutamento e Seleção da empresa Gelre, Gerusa Mengarda, constata que a qualificação dos profissionais, hoje em dia, não tem acompanhado as exigências do mercado de trabalho. “Há algum tempo ter ensino superior, inglês fluente e conhecimentos de informática era um grande diferencial. Hoje, é obrigação”, garante.